



ACSELRAD, Gilberta (Org.). **Quem tem medo de falar sobre drogas?** Saber mais para proteger. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. 164p.

A obra *Quem tem medo de falar sobre drogas? Saber mais para proteger*, organizada por Gilberta Acselrad, trata de maneira inovadora, clara e objetiva um problema antigo: o universo das drogas (i)lícitas. O objetivo do livro é ouvir e responder às questões que preocupam os jovens, abrindo espaço também de diálogo entre esses jovens e outras pessoas que já fizeram ou fazem uso de diferentes drogas, assim como com profissionais que atendem pessoas dependentes de drogas, esclarecendo dúvidas e desmistificando tabus socialmente construídos.

O livro foi escrito levando em consideração 156 perguntas formuladas por alunos/as da rede pública e particular do Ensino Básico no Estado do Rio de Janeiro, com idades entre 14 a 17 anos. A obra é direcionada a professores/as, alunos/as, pais e comunidade escolar e não-escolar, apoiada numa abordagem multidisciplinar e multiprofissional (educação, psicologia, saúde e legislação) sobre drogas. São tratados ali a história do consumo das drogas, seus efeitos, diferentes usos recreativo, moderado ou dependente, proporcionando um novo olhar sobre a políticas de drogas em nosso país.

*Quem tem medo de falar sobre drogas? Saber mais para proteger* contou com a participação de Gilberta Acselrad (Mestra em Educação pelo IESAE/FGV, organizadora do livro e autora de alguns capítulos); Flávia Pfeil (Psicóloga da Prefeitura de Paraty e Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio); Maria Lúcia Karam (Juíza de Direito aposentada do Tribunal de Justiça e diretora da LEAP Seção Brasil); Sérgio Alarcon

---

<sup>(\*)</sup>Sociólogo. Professor da Faculdade Estácio do Amapá e Servidor Público Efetivo da Rede Estadual de Ensino (SEED/AP). Pesquisador do Grupo Ribeirinhos da Amazônia: Educação, Territórios e Modos de Vida – UNIFAP.

---

(Médico e professor na EPSJV/Fiocruz) e Rita Cavalcante (professora da Faculdade de Serviço Social da UFRJ).

O consumo de drogas está presente em todos os tempos e lugares. Essa constância poderá ser melhor entendida levando-se em conta a forma com que é transmitido o conhecimento, as informações sobre o produto, as condições subjetivas de quem faz uso e o seu meio sociocultural, elementos nem sempre levados em conta. Por esse motivo os debates acerca do uso de drogas em ambiente escolar e não-escolar deveriam considerar tais fatores, pois o papel primordial da escola é formar cidadãos críticos capazes de refletir e avaliar o que é bom para si, fazer escolhas de forma a se proteger e manter uma boa relação com a sociedade, mas essa autonomia só se consegue com conhecimento. Daí o livro ser direcionado a todos que buscam compreender o tema sem preconceitos e de forma solidária.

A *guerra* declarada e falida (mas ainda em uso) dos Estados contra as drogas, de fato, se volta contra pessoas e comunidades, enquanto o comércio de dos produtos tornados ilícitos (juridicamente), cria um clima de violência, corrupção e mortes em torno da produção, distribuição e consumo de drogas ilícitas.

A educação para a autonomia (ACSELRAD, 2013), fortalece os laços de identidade, sentimento de pertencimento e capacidade de reflexão e ação. O que se vê nas campanhas de “prevenção” é muito mais um adestramento (BRUGGER, 1999) quando o que é necessário é um processo de educação, uma análise e intervenção de forma holística e democrática, buscando, assim, a integralidade do ser humano (CREMA, 1989).

Guimarães Rosa em *Grandes Sertões*, veredas, dizia que *viver, viver é risco permanente, é muito perigoso*. Portanto os riscos fazem parte da vida, ainda que em grau e extensão diferentes - riscos pessoais, riscos que afetam a coletividade, riscos que podem se tornar mais graves, dependendo da história de vida e meio social de cada indivíduo.

O debate sobre drogas (i)lícitas na escola deverá ser livre e democrático. É nesta instituição que se constroem espaços de socialização, convivência, princípios e práticas comuns, pois a escola não passará incólume a este processo de construção de ideias, debates e quebra de estigmas sociais. Cabe à comunidade escolar discutir novas propostas pedagógicas para o enfrentamento do problema em nossa sociedade.

---

A dependência a algum tipo de droga seja ela lícita ou não é multifatorial, envolve nuances de consumo (oferta/demanda), ocasional (momento/oportunidade), social (cerimonias), pessoal (foro íntimo), prazer (satisfação ou sensação de saciedade), integração social (ser aceito por parte dos membros do grupo), religiosos (cerimonias e rituais) e fatores químicos (psicossomáticos e ativos das drogas). Para tanto, o tratamento e atendimento às pessoas que fazem uso e sofrem por isso deverá ser centrado no sujeito.

Estudos sobre o consumo indicam características particulares, de acordo com o sexo e faixa etária de quem faz uso de drogas:

As drogas mais consumidas entre homens em termos de uso na vida são o álcool e tabaco. Segue-se o consumo da maconha, solventes, cocaína, alucinógenos, crack, merla e esteroides. As mulheres usam principalmente estimulantes, tranquilizantes, orexígenos e opiáceos. Entre os estudantes, as drogas de maior prevalência em termos de uso na vida também são o álcool e tabaco. Segue-se o uso de solventes/inalantes, maconha, ansiolíticos, cocaína, anfetaminas e crack. Cebrid (2005) apud Acselrad (2015, p. 60).

A experiência das drogas está relacionada à sensação de prazer, autoafirmação, aventura, poder e coragem. Portanto, a política proibicionista nada tem a agregar; muito pelo contrário, desagrega e não contribui para prevenção dos eventuais danos à saúde decorrentes de usos sem controle. Informação e conhecimento sem preconceito ainda são a solução para o que se tornou um grave problema.

A "proibição", o "ilegal" e/ou "clandestino" não tem direito à segurança e à assistência do Estado. Está posta assim a dificuldade de acesso ao tratamento de quem usa drogas e sofre por isso. Medo/estigma ao declarar-se usuário leva o sujeito a não procurar ajuda profissional quando precisa. Preconceito, ódio, ignorância, intolerância, vulnerabilidade social é que geram violência e morte e não o produto em si.

Holanda, Uruguai, Colômbia, Canadá, Portugal já reconheceram de fato a falência do paradigma proibicionista de *guerra* às drogas. As políticas públicas de amparo às pessoas que usam e têm problemas de saúde, sociais ou outros, têm aumentado significativamente nestes países, como aponta o editorial da Folha de São Paulo do dia 25 de Abril de 2016, intitulado *Drogas na ONU*. Mas, no Brasil, ainda predomina a tendência de buscar um culpado e vitimá-lo: *o inimigo número 1 é o traficante e usuário/a que deve ser combatido e extirpado do convívio social*. Este é um projeto de apartação social, claro e evidente, de desqualificar a persona como sujeito de sua história, de

---

suas escolhas, de suas experiências. A criminalização de quem usa drogas é uma aberração do ponto de vista jurídico, pois o Estado cria leis que interferem no espaço privado, quando não há prejuízo a terceiros.

A frustração dos/as jovens e educadores/as é real e, ao mesmo tempo, como mostra o livro, impressiona o quanto os jovens e os profissionais da área têm a dizer. Impressiona sua preocupação com questões que são de interesse público. Impressiona ouvi-los, porque em suas perguntas colocam as respostas que o Estado não está conseguindo dar. O ideário de erradicar o consumo jamais será alcançado. É necessário promover uma educação centrada na autonomia (FREIRE, 2001) e na prática de liberdade (FREIRE, 1977) dos sujeitos, que possa valorizar e respeitar a diversidade e conhecimento empírico, formando pessoas livres para decidir sobre seus caminhos e escolhas.

É preciso (re)pensar o papel da escola e da educação escolar, que estejam voltadas à formação integral, discutindo democraticamente os temas que atravessam a vida dos jovens, instaurando uma outra concepção de escola e educação escolar. (ABRAMOVAY, 2005).

O livro *Quem tem medo de falar sobre drogas? Saber mais para proteger* é uma referência na abordagem das drogas. Propõe uma nova relação com esta experiência e com os problemas decorrentes do uso que faz sofrer. Coloca os problemas decorrentes do proibicionismo de forma clara, inovadora, objetiva e democrática, dando condições para narrativa original aos sujeitos que têm sido histórica e socialmente alijados do processo de construção de suas vidas. A relação entre família-escola-sociedade deve assentar-se na confiabilidade mútua no intuito de minimizar os riscos, prestar ajuda diante dos eventuais danos decorrentes do uso abusivo de drogas. O desconhecimento e o medo em tratar o que se tornou um problema torna a sociedade engessada e impotente.

Sem dúvida alguma, a obra em questão exige mais que um debate pedagógico. Exige também dos profissionais da educação, condições pedagógicas no “trato” com o uso de drogas, através de uma prática educativa restaurativa de outras relações de educação dos jovens e adolescentes quando face a situações de danos, relacionados ao uso/consumo de drogas.

Não é tarefa fácil ou para poucos; vamos precisar contar com apoio e participação de todos os segmentos e instituições sociais, buscando afirmar a construção de um projeto coletivo,

---

distanciado do obscurantismo, da letargia e do receio que permeiam as relações entre sujeitos e sociedade no que tange ao universo das drogas.

## REFERÊNCIA

- ABRAMOVAY, Miriam. **Drogas nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. 143 p
- ACSELRAD, Gilberta. Drogas, a educação para a Autonomia como garantia de direitos. *EMERJ*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 63, p. 96-104, out.-dez. 2013.
- BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** 26 ed.. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. 141p.
- CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. Ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Drogas na ONU. Disp.: <<http://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2016/04/1764272-drogas-na-onu.shtml>>
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Nova Aguilar. 1994. p. 436

*Submetido em out. 2015.  
Aprovado em jan 2016.*